

A conquista da liberdade: ecos das grandes batalhas na cultura greco-romana

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO¹

Univ. Católica Portuguesa — Braga

Abstract: The West has been shaken by acts of terrorism that threaten its political organization, democracy. In Classical Antiquity, two striking events represent the milestones of the conquest of freedom underlying this political system: the Persian wars (V b. C.) and the Punic wars (III-II b. C.).

Keywords: freedom; democracy; Punic wars; polis; Persian wars.

Todos nós guardamos na nossa memória imagens da espiral de violência provocada pela publicação das caricaturas do profeta de Maomet em alguns periódicos europeus. Mais vivos estarão ainda os ecos da *lectio magistralis* que Sua Santidade, o Papa Bento XVI, pronunciou na Universidade de Ratisbona, na Alemanha, em defesa do diálogo entre a fé e a razão. Permitam-nos citar um das suas considerações em defesa da sua tese: “uma razão que é surda ao divino e relega a religião para o âmbito das subculturas é incapaz de entrar em diálogo”². E se percorrermos um pouco mais o baú das nossas recordações, logo nos hão-de acudir outras datas importantes. A primeira delas, quem sabe pela sua proximidade, poderá ser o dia 11 de Março de 2004, que assinala os atentados de Madrid, tendo celebrizado tragicamente a conhecida estação de Atocha. Porventura o dia 7 de Julho de 2005, que abalou uma das cidades mais seguras da Europa, Londres, virá logo a seguir. E naturalmente que o mundo jamais esquecerá a derrocada pavorosa das torres gémeas, na cidade de Nova York, a 11 de Setembro de 2001.

A esta pequena lista, podem acrescentar-se mais algumas: no dia 12 de Outubro de 2002, duas centenas de pessoas encontraram a morte

Texto enviado em 20 de Novembro de 2008 e aceite em 24 de Março de 2009.

¹ antmelo@braga.ucp.pt

² “Fé, razão e universidade: memórias e reflexões”: discurso de Bento XVI, publicado no *Diário do Minho*, no suplemento *Igreja Viva*, de 24 de Setembro de 2006, 24-25.

num atentado perpetrado em Bali, um dos paraísos turísticos da Indonésia frequentado essencialmente por ocidentais; a 23 de Julho de 2005, na estância turística egípcia de Sharm-el-Sheikh, por razões idênticas, o mesmo infortúnio havia de atingir cerca de uma centena de pessoas; sete meses mais tarde, a 9 de Novembro, semelhante desventura destroçaria o coração da Jordânia.

Como se vê, nestes últimos anos, a civilização ocidental tem sido abalada, de forma implacável, pelo fenómeno do terrorismo, que tem ameaçado a segurança em alguns dos seus pontos nevralgicos. No presente, a guerra no Iraque, que se arrasta já há uns quatro longos anos, cumpridos no pretérito dia 18 de Março, é disso o sinal mais clarividente. E apesar de não se vislumbrarem tempos de concórdia para aquele país, nuvens ameaçadoras de novo conflito bélico pairam no horizonte, desta vez a propósito do diferendo nuclear que opõe o Irão e a Coreia do Norte ao Conselho de Segurança da ONU.

A propósito do conflito armado em território iraquiano, que tem mantido uma presença quotidiana nos meios de comunicação social, os comentadores, numa tentativa de melhor o caracterizarem, têm-no apelidado, por vezes, de uma ‘caixa de Pandora’. Numa alusão catastrófica, vão acentuando que de lá hão-de sair ainda mais monstros!...

Em primeiro lugar, cumpre esclarecer que se trata de um mito; a sua função primordial é transmitir uma explicação para a origem do mal no mundo. Segundo os *Trabalhos e Dias* (vv. 90-99) de Hesíodo, teria sido Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, que, ao retirar a tampa da vasilha que transportava consigo, acabaria por deixar fugir todos os males, que imediatamente se espalharam pelo mundo. Por ordem do pai dos deuses, Pandora voltaria a colocar a tampa, retendo, lá dentro, a Esperança:

Πρὶν μὲν γὰρ ζώεσκον ἐπὶ χθονὶ φῦλ' ἀνθρώπων
νόσφιν ἄτερ τε κακῶν καὶ ἄτερ χαλεποῖο πόνοιο
νούσων τ' ἀργαλέων αἴ τ' ἀνδράσι κῆρας ἔδωκαν·
ἀλλὰ γυνὴ χεῖρεςσι πίθου μέγα τῶν ἀφελούσα
ἔσκέδασ' ἀνθρώποισι δ' ἐμήσατο κήδεα λυγρά.
Μοῦνη δ' αὐτόθι Ἑλπίς ἐν ἀρρήκτοισι δόμοισιν
ἔνδον ἔμιμνε πίτου ὑπὸ χεῖλεσιν, οὐδὲ θύραζε

ἐξέπτῃ· πρόσθεν γὰρ ἐπέμβαλε πῶμα πίθοιο
αἰγιόχου βουλήσι Διὸς νεφεληγερέταο.

*Dantes vivia sobre a terra a raça humana
a recato da desgraça e do penoso trabalho,
e das doenças horríveis, que trazem a morte aos homens.
Mas a mulher, com suas mãos, ergueu a grande tampa da vasilha,
e dispersou-os, preparando à humanidade funestos cuidados.
Dentro da vasilha, na morada indestrutível,
abaixo do rebordo, ficou apenas a Esperança. Essa
não se evoluiu. Antes, já ela tornara a colocar a tampa,
por desígnios de Zeus detentor da égide, que amontoa as nuvens.*³

Não é este o lugar para se discutirem as mais variadas interpretações vindas a lume acerca da concepção de esperança para Hesíodo, o que tem originado uma extensa bibliografia⁴. Por ora, talvez baste simplesmente cometer a ousadia de falar em esperança!...

É hoje um dado adquirido que a função didáctica desta obra encontra paralelo noutros textos parecidos das literaturas orientais, de origem suméria, babilónia ou egípcia. Idêntica questão se coloca quanto ao mito das origens do mundo e dos deuses, que Hesíodo narra na *Teogonia* (vv. 116-117, 120-122):

Ἦτοι μὲν πρότιστα Χάος γένετ', αὐτὰρ ἔπειτα
Γαῖ' εὐρύστερνος, πάντων ἕδος ἀσφαλὲς αἰεὶ ἀθανάτων
ἠδ' Ἔρος ὃς κάλλιστος ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι,
λυσιμελής, πάντων τε θεῶν πάντων τ' ἀνθρώπων
δάμναται ἐν στήθεσσι νόον καὶ ἐπίφρονα βουλήν.

*Primeiro que tudo houve o Caos, e depois
a Terra de peito ingente, suporte inabalável de tudo quanto existe,
e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,
que amolece os membros e, no peito de todos os homens e deuses,
domina o espírito e a vontade esclarecida.*⁵

³ Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade. Antologia de Cultura Grega* (Porto 1998) 93.

⁴ Para uma pequena sùmula desta questão, cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica. I Vol. Cultura Grega* (Lisboa 1997) 165.

⁵ Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, op. cit., 92.

Com efeito, à luz das descobertas dos últimos anos, este mito grego procede de uma tradição antiquíssima. Os textos semelhantes mais próximos de nós foram encontrados nos arquivos hititas de Boghazkoy, e estão datados entre 1400 a 1200 a. C.: o poema *Mito do reino celeste* e a *Canção de Ullikummi*. Sem que se possa, contudo, determinar a sua origem, pode acrescentar-se que esta linha de sucessão se alonga até meados do segundo milénio a. C., com outras versões hurríticas; à primeira parte deste milénio pertence a epopeia da criação do mundo, *Enuma elis* (“como lá em cima”), um texto dos babilónios⁶.

Emerge desta pista literária a existência de contactos estreitos entre os povos da Península Balcânica e os do Próximo Oriente. Na verdade, os arquivos hititas mencionam um povo dominador que manteve relações com o Egipto, a Síria e a Assíria nos séculos XIV e XIII a. C.⁷ Desta época, a arqueologia dá como certa uma intensa actividade comercial entre Creta e a antiga cidade costeira da Síria, Ugarit⁸.

Este ambiente havia de influenciar a direcção das migrações dos Micénios. Com efeito, aquando da invasão dos Dórios, aqueles povos ou se resignaram à coabitação ou então procuraram novas paragens, mais calmas, atravessando o mar Egeu: haviam de encontrar repouso no litoral da Ásia Menor e nas ilhas que lhe são mais próximas⁹.

Estas movimentações populacionais favoreceram o aparecimento, mais tarde, das primeiras colónias gregas nesta região, no dealbar do séc. VIII a. C. Dois séculos mais tarde, a Jónia daria um impulso determinante para a história do pensamento ocidental: assiste-se ao início da especulação filosófica, que tinha por objectivo a busca do elemento primordial para a compreensão do mundo sensível, isto é, a descoberta do princípio de tudo. É esta preocupação de natureza cosmológica que marca

⁶ Cf. Albin Lesky, *História da Literatura Grega*. (Lisboa 1995) 117-120. Tradução de Manuel Losa, SJ.

⁷ Cf. José Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*. I. *Génese e evolução de um conceito* (Coimbra 1983) 27.

⁸ Para mais pormenores, vide Michael Heltzer, “Sinaram, son of Siginu, and the trade relation between Ugarit and Crete”: *Minos* 23 (1988) 7-13.

⁹ Acerca da complexidade do declínio da civilização micénica e da invasão dórica, vide Ferreira, José Ribeiro Ferreira, op. cit., 77-79.

o pensamento dos primeiros pensadores de Mileto, a principal pólis desta região: são eles Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras e Xenófanes¹⁰.

O regime da pólis caracterizava-se por uma forte vivência comunitária, em que a soberania pertencia à lei: *nenhuma pólis é pertença de um só homem*, dirá Hémon, filho de Creonte, soberano de Tebas, na tragédia sofocina *Antígona*. Todos os cidadãos eram convidados a participar na vida e no governo da pólis, de forma que a afirmação do poeta grego Simónides (séc. VI – V a. C.) se tornou lapidar: *a pólis é mestra do homem*. Pelo contrário, os bárbaros sobreviviam subjugados ao poder absoluto de um soberano, isto é, estão votados a um estado de servidão.

Esta forma de vida, que é uma especificidade do espírito grego, sobretudo dos Atenienses, materializa historicamente porventura a primeira expressão de Liberdade. Vocábulo oriundo do étimo latino *libertatem*, significa ele a fruição dos direitos de cidadania, e, no plano político, é sinónimo de independência de um povo. Um pouco mais de reflexão e logo se descobre que este vocábulo latino deriva do adjectivo *liber*: “livre, de condição livre; que está em liberdade, independente, que procede livremente”. Mas também pode significar “licencioso, desregrado, demasiadamente livre”¹¹.

Fixemo-nos, contudo, naquela concepção radical de liberdade, a mãe de todas as Liberdades e que, em última análise, brota do mais íntimo da alma humana. E vem a propósito retomar, aqui, um dos factos que apontámos no início desta reflexão: os atentados de Madrid tiveram lugar na véspera de um importante acto eleitoral...

À luz deste contexto, dois grandes acontecimentos da Antiguidade marcaram a conquista da Liberdade, que ainda hoje continua a modelar o pensamento ocidental: as Guerras Medo-Persas, no primeiro quartel do séc. V a. C., e as Guerras Púnicas, que se prolongaram por um século, desde a primeira metade do séc. III a. C. até meados do século seguinte. Porventura pode mesmo afirmar-se que se trata de dois momentos

¹⁰ De filiação Iónica, embora já do século seguinte, são ainda três pensadores pré-socráticos: Heraclito, natural de Éfeso, Empédocles de Agrigento e Anaxágoras.

¹¹ Francisco Torrinha, *Dicionário Latino-Português* (Porto s. d.) 478.

distintos do primeiro confronto bélico entre o Ocidente e o Oriente, embora com desfecho idêntico.

As Guerras Médicas, como também é conhecido o confronto entre os Gregos e os Persas, são o episódio porventura o mais decisivo para a história da Europa, pois o império persa foi o primeiro de vocação universalista.

Com Ciro II, 'o Grande', as colónias gregas da Ásia Menor e o seu grande protector, o rei Creso, da Lídia, perdem a independência e ficam sujeitos ao novo regime das satrapias. A submissão da Babilónia trouxe-lhe o domínio da Palestina, Síria e Fenícia. Quando Cambises II, seu filho, lhe sucede, os domínios deste imenso império estendiam-se do Mar Egeu até ao Indo, nos confins do Oriente.

A Cambises, sucedeu Dario, que havia de enfrentar a revolta dos Gregos da próspera região da Jónia, na costa asiática, em 499 a. C. Ainda solicitaram auxílio ao continente, mas a resposta foi tímida e somente Atenas e Erétria enviariam ajuda, mas miserável. Em consequência, a sublevação foi dominada e a cidade de Mileto destruída (494 a. C.).

Esta insurreição assumiu contornos de novidade, pois foi estimulada pela defesa de princípios que eram caros aos Gregos, como sejam a liberdade de pensamento e de organização política. Irritado, talvez, para além do mais, com esta especificidade, o rei persa formula, então, o propósito de punir as cidades europeias aliadas dos Jónios. Surge, deste modo, um novo objectivo para o império persa: a expansão para Ocidente que, numa primeira fase, passaria pelo domínio da Hélade. O particularismo grego do regime da pólis, plasmado num individualismo, por vezes, atroz, que acarretou a sua desunião em terras asiáticas e a consequente derrota, entusiasmou o rei persa. Por isso, hábil político que era, Dario implementou uma política de alianças com alguns povos da Península Balcânica, nomeadamente com a Macedónia e a Tessália, e foi urdindo astuciosamente o cerco aos Atenienses¹².

¹² Este percurso diplomático dos Persas foi facilitado pela presença de muitos Gregos na Pérsia, alguns deles exilados políticos. Heródoto testemunha a presença de gregos no exército de Cambises (II.1 e III.44); da presença dos Gregos entre os bárbaros fala-nos ainda Eurípides, nas *Bacantes* (vv. 13 sqq.).

Esta campanha militar, tradicionalmente, apresenta-se centrada em duas datas: 490 a. C. e 480 a. C. Assim, a primeira Guerra Medo-Persa tem início com uma expedição chefiada por Mardónio: se a armada foi engolida pelas ondas alterosas de uma tempestade que a surpreendeu no Monte Atos (492 a. C.), as tropas terrestres haviam de sucumbir parcialmente à ferocidade das tribos trácias. Uma nova investida foi preparada, agora sob as ordens de Dátis e Artafernes. Após a conquista de Erétria, na ilha de Eubeia, dirigem-se para a planície de Maratona, com o objectivo de alcançar Atenas. Para isso, esperavam um sinal favorável dos opositores ao regime ateniense. Quando parte das tropas se encontrava já nas naus, os Atenienses e um pequeno número de Plateenses, que se encontravam nas colinas sobranceiras à planície às ordens de Milcíades, precipitaram-se sobre os soldados persas que permaneceram em terra e infligiram-lhe uma pesada derrota. Apesar do pedido de auxílio, os Espartanos chegariam tarde. O regresso atempado dos hoplitas atenienses afastou a possibilidade de novo encontro bélico.

Estas movimentações dos persas foram auxiliadas pelas preciosas informações dadas pelo exilado Hípias, que sonhava restaurar a tirania em Atenas, com auxílio de algumas facções de cidadãos.

A derrota, contudo, não fez vacilar a corte da Pérsia. Com a subida ao trono de Xerxes (486 a. C.), pôs-se em marcha uma vastíssima operação militar, que exigiu uma metódica preparação. A nível diplomático, esta empresa do rei persa contou, provavelmente, com o apoio da aliada Cartago, que se comprometeu a atacar a Sicília e a Magna Grécia, na mesma altura. Acresce também que havia de conseguir a anuência de vários estados gregos: a Tessália, a Beócia e Argos. E há até a notícia de uma proposta persa, apresentada aos Atenienses por Alexandre da Macedónia, para pôr termo às hostilidades (Heródoto, VIII.143):

Ἄθηαῖοι δὲ πρὸς μὲν Ἀλέξανδρον ὑπεκρίναντο τάδε. “Καὶ αὐτοὶ τοῦτό γε ἐπιστάμεθα ὅτι πολλαπλησίη ἐστὶ τῷ Μήδῳ δύναμις ἢ περ ἡμῖν ὥστε οὐδὲν δεῖ τοῦτό γε ὀνειδίξειν. Ἄλλ’ ὅμως ἐλευθερίας γλιχόμενοι ἀμυνέμεθα οὕτω ὅπως ἂν καὶ δυνώμεθα. Ὁμολογήσει δὲ τῷ βαρβάρῳ μήτε σὺν ἡμέας πειρῶ ἀναπεῖθαι οὔτε ἡμεῖς πεισόμεθα. Νῦν τε ἀπάγγελλε μαρδονίῳ ὡς Ἀθηναῖοι λέγουσι, ἔστι ἂν ὁ ἥλιος τὴν αὐτὴν ὁδὸν ἢ τῇ περ καὶ νῦν ἔρχεται, μήκοτε ὁμολογήσειν ἡμέας Ξέρξῃ· ἀλλὰ

θεοῖσι τε συμμάχοισι πίσυνοί μιν ἐπέξιμεν ἀμυνόμενοι καὶ τοῖσι ἥρωσι, τῶν ἐκεῖνος οὐδεμίαν ὄπιν ἔχων ἐνέπρησε τούς τε οἴκους καὶ τὰ ἀγάλματα. Σύ τε τοῦ λοιποῦ λόγους ἔχων τοιούσδε μὴ ἐπιφαίνεο Ἀθηναίοισι, μηδὲ δοκέων χρηστὰ ὑπουργέειν ἀθέμιστα ἔρδειν παραίνεε· οὐ γάρ σε βουλόμεθα οὐδὲν ἄχαρι πρὸς Ἀθηναίων παθεῖν ἐόντα πρόξενόν τε καὶ φίλον.”

*Os Atenieneses deram a Alexandre a resposta seguinte:
Também nós sabemos que o poder dos Medos vale muitas vezes o nosso, de modo que não vale a pena depreciar-nos por isso. Mas, mesmo assim, ansiamos pela liberdade, e defender-nos-emos até onde pudermos. Não tentes persuadir-nos a pactuar com os Bárbaros, que não nos convenceremos. E agora vai anunciar a Mardônio o que dizem os Atenieneses: enquanto o Sol seguir o curso que agora percorre, nunca pactuaremos com Xerxes. Confiantes no auxílio dos deuses e dos heróis, cujos santuários e imagens ele incendiou sem respeito algum, iremos lutar contra ele, e expulsá-lo-emos. E tu, doravante, não te apresentes mais com tais propostas diante dos Atenieneses, nem lhes aconselhes ações iníquas, sob a aparência de serem nobres, pois não queremos que sofras algum desacato da parte dos Atenieneses, de quem és próximo e amigo.*¹³

Não obstante as dificuldades, os Gregos, no congresso de Corinto, alcançariam um consenso na estratégia defensiva a desenvolver, o que veio a unir umas trinta pólis helênicas. Quanto ao poder do inimigo, são elucidativas as palavras do historiador grego Heródoto (VII.45-46):

᾽ Ως δὲ ὅρα πάντα μὲν τὸν Ἑλλήσποντον ὑπὸ τῶν νεῶν ἀποκεκρυμμένον, πάσας δὲ τὰς ἀκτὰς καὶ τὰ Ἀβυδηῶν πεδία ἐπίπλεα ἀνθρώπων, ἐνθαῦτα ὁ Ξέρξης ἑωτὸν ἐμακάρισε, μετὰ δὲ τοῦτο ἐδάκρυσε. Ματῶν δὲ μιν Ἀρτάβανος ὁ πάτριος, ὃς τὸ πρῶτον γνώμην ἀπεδέξατο ἐλευθέρως οὐ συμβουλευὼν Ξέρξει στρατεύεσθαι ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα, οὗτος ὠνήρ φρασθεὶς Ξέρξην δακρύσαντα εἶρετο τάδε. “᾽ Ω βασιλεῦ, ὡς πολλὸν ἀλλήλων κεχωρισμένα ἐργάσαιο νῦν τε καὶ ὀλίγω πρότερον· Μακαρίσας γὰρ σεωυτὸν δακρύεις”. Ὁ δὲ εἶπε “ἐσήλθε γάρ με λογισάμενον κατοικτεῖραι ὡς βραχὺς εἶη ὁ πᾶς ἀνθρώπινος βίος, εἰ τούτων γε ἐόντων τοσούτων οὐδεὶς ἐς ἑκατοστὸν ἔτος περίεσται.”

Assim que viu o Helesponto inteiro coalhado de navios, todas as suas margens e as planuras de Ábidos cobertas pelos seus homens, Xerxes felicitou-se a si próprio, mas, em seguida, chorou.

¹³ Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, op. cit., 238.

*Logo que se apercebeu disso, seu tio paterno, Artábano, aquele que anteriormente aventara livremente a opinião de que não era aconselhável marchar contra a Grécia, esse homem, ao notar as lágrimas de Xerxes, disse-lhe: “Ó Rei, como é diversa a tua atitude de agora e a de há pouco! Há momentos felicitavas-te, agora choras!” “É que me veio ao pensamento — disse ele — lamentar a brevidade de toda a vida humana, uma vez que, de tantos homens que aqui estão, dentro de cem anos, nem um só sobreviverá”.*¹⁴

À vista de tão numeroso exército, magnificamente equipado, os Gregos não hesitam em lutar pelos seus princípios, pelas suas ideias, pela Liberdade, afinal, um bem imperecível, a única razão que sustenta tão feroz conflito (Heródoto, VII.104):

Ἐγὼ δὲ οὔτε δέκα ἀνδράσι ὑπίσχομαι οἷός τε εἶναι μάχεσθαι οὔτε δυοῖσι, ἐκόν τε εἶναι οὐδ’ ἂν μονομαχέομαι. Εἰ δὲ ἀναγκαῖν εἴη ἢ μέγας τις ὁ ἐποτρύνων ἀγών, μαχοίμην ἂν πάντων ἴδιστα ἐνὶ τούτων τῶν ἀνδρῶν οἱ Ἑλλήνων ἕκαστος φησὶ τρίων ἄξιός εἶναι. Ὡς δὲ καὶ Λακεδαιμόνιοι κατὰ μὲν ἓνα μαχόμενοι οὐδαμῶν εἰσι κακίονες ἀνδρῶν, ἀλέες δὲ ἄριστοι ἀνδρῶν ἀπάντων. Ἐλεύθεροι γὰρ ἐόντες οὐ πάντα ἐλεύθεροι εἰσὶ· ἔπεστι γάρ σφι δεσπότης νόμος, τὸν ὑποδειμαίνουσι πολλῶ ἔπι μᾶλλον ἢ οἱ σοὶ σέ. Ποιεῖσι γὼν τὰ ἂν ἐκεῖνος ἀνώγη· ἀνώγει δὲ τῶν αἰεί, οὐκ ἐὼν φεύγειν οὐδὲν πλῆθος ἀνθρώπος ἐκ μάχης, ἀλλὰ μένοντας ἐν τῇ τάξει ἐπικρατέειν ἢ ἀπόλλυσθαι.

*... Eu não pretendo ser capaz de lutar contra dez homens, nem mesmo contra dois; por minha vontade, nem com um só eu entraria em combate; se, porém, fosse forçoso, ou se algum motivo imperioso me levasse a isso, combateria de preferência com um desses homens de quem se diz que cada um vale três Gregos. Do mesmo modo são os Lacedemónios: em combate singular, não são inferiores a nenhum varão; reunidos em tropas, são os mais valentes de todos. Apesar de livres, não o são de todo: estão sujeitos a um soberano — a lei — que temem muito mais ainda do que te receiam a ti os teus súbditos; de facto, fazem tudo o que ela lhes mandar, e ela manda-lhes sempre o mesmo: que não lhes é permitido fugir do campo de batalha, ainda que seja grande a avalanche dos inimigos; devem conservar o seu posto, e vencer ou perecer...*¹⁵

¹⁴ Ibidem, 257-258.

¹⁵ Ibidem, 237-238.

A primeira escaramuça ocorre no estreito das Termópilas, onde um grupo de Lacedemónios, comandados pelo espartano Leónidas, se preparava para impedir o avanço persa. Eram em número reduzido. Quando Xerxes enviou um espião a cavalo, este observou que alguns deles estavam a fazer ginástica, outros a pentear os cabelos. De regresso, ninguém o perseguiu. Como a realidade dos factos se tornava incompreensível para Xerxes, enviou outro espião que lhe relatou isto (Heródoto, VII.209):

Ἦκουσας μὲν καὶ πρότερον μευ, εὖτε ὀρμῶμεν ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα, περὶ τῶν ἀνδρῶν τούτων, ἀκούσας δὲ γέλωτά με ἔθει λέγοντα τῇ περ ὄρων ἐκβησόμενα πρήγματα ταῦτα· ἐμοὶ γὰρ τὴν ἀληθείην ἀσκέειν ἀντία σεῦ βασιλεῦ ἀγὼν μέγιστος ἐστί. Ἦκουσον δὲ καὶ νῦν· οἱ ἄνδρες οὗτοι ἀπίκται μαχισόμενοι ἡμῖν περὶ τῆς ἐσόδου, καὶ ταῦτα παρασδεύονται. Νόμος γάρ σφι ἔχων οὕτω ἐστί· ἐποεᾶν μέλλωσι κινδυνεύειν τῇ ψυχῇ, τότε τὰς κεφαλὰς κοσμέονται. Ἐπίστασο δέ, εἰ τούτους γε καὶ τὸ ὑπομένον ἐν Σπάρτῃ καταστρέψαι, ἔστι οὐδὲν ἄλλο ἔθνος ἀνθρώπων τὸ σὲ βασιλεῦ ὑπομενέει χεῖρας ἀνταειρόνμενον· νῦν γὰρ πρὸς βασιλήην τε καὶ καλλίστην πόλιν τῶν ἐν Ἑλληνισι προσφέρεαι καὶ ἄνδρας ἀρίστους.

*“Já anteriormente me ouviste falar destes homens, quando vínhamos atacar a Grécia. Quando me ouviste, riste-te de mim, por eu dizer o fim que previa para esta empresa. Para mim, ó Rei, é um combate muito árduo sustentar a verdade na tua presença. Mas ouve-me ainda outra vez. Esses homens vieram lutar conosco pela passagem, e para isso se preparam. O costume deles é este: se subjugares estes homens e os que ficaram em Esparta, não há mais nenhum povo, ó rei, que te aguarde de braços erguidos. Caminhas neste momento contra o mais belo de quantos reinos há na Grécia, e contra os homens mais valentes”.*¹⁶

Um dos poemas de Simónides, poeta deste período heróico grego, canta o destino glorioso destes primeiros mártires da Liberdade, num epitáfio que se tornou célebre:

τῶν ἐν Θερμοπύλαις θανόντων
εὐκλειῆς μὲν ἂ τύχα, καλὸς δ' ὁ πότμος,
βωμὸς δ' ὁ τάφος, πρὸ γόων δὲ μνάστις, ὁ δ' οἶκτος ἔπαινος·
ἐντάφιον δὲ τοιοῦτον οὔτ' εὐρώς

¹⁶ Ibidem, 240.

οὐθ' ὁ πανδαμάτωρ ἀμαυρώσει χρόνος.
Ἴνδρων ἀγατῶν ὄδε σηκὸς οἰκέταν εὐδοξίαν
Ἴλλάδος εἴλετο· μαρτυρεῖ δὲ καὶ Λεωνίδα,
κόσμον ἀέναόν τε κλέος.

*Dos que morreram nas Termópilas,
glorioso é o destino, bela a morte.
É seu túmulo um altar; em vez de gemidos, a sua lembrança; o pranto se
volve em elogio.
Esta pedra tumular
não a destruirá o bolor, nem o tempo que tudo vence
Esta sepultura de homens corajosos escolheu para a guardar
a fama excelsa da Grécia. Testemunha-o Leónidas,
rei de Esparta, que deixou o ornamento de uma grande valentia
e um renome imperecível.*¹⁷

Após este horrendo desastre, Heródoto (VIII.26) narra um episódio revelador do espírito grego. Não obstante a guerra, este povo não deixava de celebrar as Olimpíadas e de assistir aos concursos gímnicos e às provas hípicas, o que surpreende o inimigo dentro de portas. O testemunho dos desertores da Arcádia impressiona o rei Persa, para quem seria um absurdo lutar por um prêmio simbólico de uma coroa de oliveira. Tal foi o espanto que um subordinado não conseguiu ficar calado e fez em público esta declaração:

“Παπαῖ Μαρδόνιε, κοίους ἐπ’ ἄνδρας ἴγαγες μαχησομένους ἡμέρας, οἱ
οὐ περὶ χρημάτων τὸν ἀγῶνα ποιῶνται ἀλλὰ περὶ ἀρετῆς”.

*Ai, Mardônio, que homens são esses contra quem nos levas a combater,
se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade.*¹⁸

No mar, os combates não mostraram a clara supremacia de uma das frotas. Entretanto, conhecido o fim trágico de Leónidas, os Gregos avançam para o estreito de Salamina. Por seu turno, os Persas dirigem-se para a Ática e o seu ímpeto devastador nem à vista da Acrópole é refreado, cujos templos são destruídos.

Animados com estas pequenas vitórias, não resistiriam ao ardil montado por Temístocles. A precipitação da frota persa conduziria à sua

¹⁷ Ibidem, 156.

¹⁸ Ibidem, 241.

estrondosa derrota (480). Apesar da partida de Xerxes, Mardónio permanece na Tessália e procura, em vão, um acordo com os Atenienses. Novamente a vitória havia de sorrir aos Gregos, tendo-se destacado a chefia do espartano Pausânias (479). Neste ano, o triunfo dos helenos seria reforçado ainda com a vitória naval de Mícale, um promontório da Ásia Menor, frente à ilha de Samos.

Tamanha vitória só se explica, efectivamente, pelo demasiado apego dos Helenos à Liberdade, o bem supremo (Heródoto, VII.102):

Τῆ Ἑλλάδι πενίη μὲν αἰεὶ κοτε σύντροφος ἐστί, ἀρετὴ δὲ ἔπακτος ἐστί, ἀπὸ τε σοφίης κατεργασμένη καὶ νόμου ἰσχυροῦ, τῆ διαχρωμένη ἢ Ἑλλάς τὴν τε πενίην ἀπαμύνεται καὶ τὴν δεσποσύνην.

*A Grécia foi sempre criada na pobreza, mas junta-se-lhe a virtude, amassada na sabedoria e numa lei rigorosa. Apoiando-se nelas, a Grécia defende-se contra a pobreza e contra a sujeição.*¹⁹

A campanha de Xerxes dirigia-se fundamentalmente contra Atenas, embora avançasse sobre a Grécia inteira. Face à divisão dos Helenos, esta cidade transformou-se no seu pólo aglutinador (Heródoto, VII.139):

Νῦν δὲ Ἀθηναίος ἄν τις λέγων σωτήρας γενέσθαι τῆς Ἑλλάδος οὐκ ἂν ἁμαρτάνοι τὸ ἀληθές. Οὗτοι γὰρ ἐπὶ ὀκότερα τῶν πρηγμάτων ἐτράποντο, ταῦτα ῥέψειν ἔμελλε· ἐλόμενοι δὲ τὴν Ἑλλάδα περιεῖναι ἐλευθέρην, τοῦτο τὸ Ἑλληνικὸν πᾶν τὸ λοιπὸν, ὅσον μὴ ἐμήδισε, αὐτοὶ οὗτοι ἦσαν οἱ ἐπεγείραντες καὶ βασιλέα μετὰ γε θεοῦς ἀνωσάμενοι. Οὐδὲ σφέας χρηστήρια φοβερὰ ἐλθόντα ἐκ Δελφῶν καὶ ἐς δεῖμα βαλόντα ἔπεισε ἐκλιπεῖν τὴν Ἑλλάδα, ἀλλὰ καταμείναντες ἀνέσχοντο τὸν ἐπιόντα ἐπὶ τὴν χώραν δέξασθαι.

Porém, quem afirmar que os Atenienses foram os salvadores da Grécia, não falta à verdade. Para qualquer dos dois partidos que se voltassem, se inclinaria a balança. Uma vez que escolheram que a Grécia continuasse livre, escolhendo assim, foram eles que despertaram todo o resto da Hélade, que não estava ao lado dos Medos, e eles que, depois dos deuses, repeliram o grande Rei.

¹⁹ Ibidem, 237.

*Nem mesmo os oráculos temíveis vindos de Delfos, que infundiam terror, os persuadiram a abandonar a Grécia, mas permaneceram, para deter o invasor e lhe fazer frente.*²⁰

Como se vê, o prestígio de Atenas aumentou muito com as Guerras Médicas, o que a projectou para a liderança da poderosa Confederação de Delos, com sede na ilha do mesmo nome. Tratava-se de uma aliança das cidades do Mar Egeu que procurava dissuadir uma nova investida dos persas. Em consequência da crescente hegemonia ateniense, Péricles influenciou a Assembleia no sentido de se pronunciar favoravelmente pela reconstrução da Acrópole, que considerou a “escola da Hélade”. O dinheiro para tais obras foi buscá-lo ao tesouro de Delos, entretanto transferido para Atenas.

Uma outra consequência das Guerras Pérsicas foi a consolidação do regime democrático ateniense, que a liderança de Péricles aperfeiçoou, nomeadamente com a introdução da *mistoforia*, um pequeno salário para que também os cidadãos mais desfavorecidos pudessem exercer funções nos diversos cargos da cidade-estado: “Por permitir uma maior igualdade na participação do governo da pólis, a remuneração dos cargos públicos ficou estreitamente ligada ao regime democrático de Atenas, como uma das suas mais destacadas características”²¹.

A par das artes plásticas, também se desenvolveu o teatro, no âmbito de um dos mais importantes festivais atenienses, as Grandes Dionísias. Interessante como a tradição relaciona os três principais tragediógrafos com um dos momentos mais importantes das Guerras Persas: Ésquilo combateu em Salamina, Sófocles dirigiu o coro dos jovens que celebrou a vitória, Eurípides nasceu nesse dia e nesse local²². A função pedagógica da dramaturgia, no contexto da pólis, ficaria incompleta sem uma referência à comédia, onde abunda a invectiva política e a crítica aos mais diversos aspectos da vida quotidiana²³.

²⁰ Ibidem, 239.

²¹ Cf. J. Ribeiro Ferreira, *A democracia na Grécia Antiga* (Coimbra 1990) 87.

²² Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica I Vol. Cultura Grega* (Lisboa 1997) 390-391.

²³ Esta temática tem inspirado numerosos estudos realizados por Maria de Fátima Sousa e Silva, que, em 1987, com o patrocínio do Instituto Nacional de

Assim, Aristófanes, em *As Nuvens* (vv. 961-971), faz uma dura crítica à educação nova dos sofistas, contrapondo-a à antiga que forjou os guerreiros de Maratona:

Λέξω τοίνυν τὴν ἀρχαίαν παιδείαν ὡς δέκειτο,
ὅτ' ἐγὼ τὰ δίκαια λέγων ἦνθουν καὶ σωφροσύνην ἐνόμιστο.
Πρῶτον μὲν ἔδει παιδὸς φωνὴν γρύξαντος μηδέν' ἀκούσαι·
εἶτα βαδίζειν ἐν ταῖσιν ὁδοῖς εὐτάκτος εἰς κιταριστοῦ
τοῦς κωμῆτας γυμνοῦς ἀθρόους, κεῖ κριμνώδη καταναίφοι.
εἶτ' αὖ προμαθεῖν ἕσμ' ἐδίδασκεν τῷ μερῷ μὴ ξυνέχοντας,
ἢ Παλλάδα περσέπολιν δεινάν ἢ τηλέπορον τι βόαμα,
ἐντειναμένους τὴν ἀρμονίαν ἦν οἱ πατέρες παρέδωκαν.
εἰ δέ τις αὐτῶν βωμολοχεύσαιτ' ἢ κάμψειν τινα καμπὴν
οἷας οἱ νῦν, τὰς κατὰ Φρῦνιν ταύτας τὰς δυσκολοκάμπτους,
ἀπετρίβeto τυπτόμενος πολλὰς ὡς Μούσας ἀφανίζων.

*Direi pois em que consistia a antiga educação,
quando eu florescia, proclamando a justiça, e se apreciava a
moderação.*

*Primeiro, não era permitido ouvir uma criança a falar;
depois, caminhavam com ordem pela rua, para casa do mestre de
cítara,
os do mesmo bairro, sem manto, em filas cerradas, ainda que caísse
neve como farinha.*

*Então, de pernas afastadas, aprendiam primeiro que tudo um cântico,
ou “Palas que és terrível a destruir cidades” ou “Voz forte que chega
longe”,*

sustentando alto a música que os pais lhes transmitiram.

*E, se algum deles se fazia engraçado ou tentava inflexões de voz,
tão mal inflectidas, como essas de agora, à maneira de Frinis,
moíam-no com pancada, por querer banir as Musas.*²⁴

E não obstante a luta fratricida do Peloponeso (431-404 a. C.), que trouxe a ruína política aos Atenienses, da maturação espiritual destes cidadãos haviam de erguer-se duas figuras incontornáveis da cultura ocidental: Sócrates e Platão. Do primeiro chegou-nos um texto paradigmático, impressionante. Vivia ele os últimos dias, na cadeia, para

Investigação Científica e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, havia de publicar a sua dissertação de doutoramento *Crítica do teatro na comédia antiga*.

²⁴ Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, op. cit., 337-338.

onde tinha sido enviado, vítima da acusação de corromper a juventude e de não crer nos deuses em que acredita a cidade. É ali que recebe a visita de seu amigo Críton, que lhe propõe a fuga. Estabelece-se um diálogo e discute-se se isso seria justo, se é lícito responder ao mal sofrido com outro mal:

Ἐκ τούτων δὴ ἄθρει. Ἀπίοντες ἐντένδε ἡμεῖς μὴ πείσαντες τὴν πόλιν πότερον καικῶς τινὰς ποιοῦμεν, καὶ ταῦτα οὐδὲς ἤκιστα δεῖ, ἢ οὐ; Καὶ ἐμμένομεν οἷς ὠμολογήσαμεν δικαίοις οὖσιν ἢ οὐ; (Κρίτων) Οὐκ ἔχω, ὦ Σώκρατες, ἀποκρίνασθαι πρὸς δ' ἐρωτῆς· Οὐ γὰρ ἐννοῶ. (Σώκρατες) Ἄλλ' ὥδε σκόπει. Εἰ μέλλουσιν ἡμῖν ἐντένδε εἶτε ἀποδιδράσκειν, εἴθ' ὅπως δεῖ ὀνομάσαι τοῦτο, ἐλθόντες οἱ νόμοι καὶ τὸ κοινὸν τῆς πόλεως ἐπιστάντες ἔροιντο· “Εἰπέ μοι, ὦ Σώκρατες, τί ἐν νῶ ἔχεις ποιεῖν;” Ἄλλο τι ἢ τούτῳ τῷ ἔργῳ ὃ ἐπιχειρεῖς διανοῆ τούτους τε νόμους ἡμᾶς ἀπολέσαι καὶ σύμπασαν τὴν πόλιν τὸ σὸν μέρος;” Ἡ δοκεῖ σοι οἷόν τε εἶναι ἐκείνην τὴν πόλιν εἶναι καὶ μὴ ἀνατετράφθαι, ἐν ἧ ἂν αἰ γεγόμεναι δίκαι μὴδὲν ἰσχύωσιν ἀλλὰ ὑπὸ ἰδιωτῶν ἄκυροί τε γίνωνται καὶ διαφθεῖρονται; “Τί ἐροῦμεν, ὦ (Κρίτων), πρὸς ταῦτα καὶ ἄλλα τοιαῦτα; Πολλὰ γὰρ ἂν τις ἔχοι, ἄλλως τε καὶ ῥήτωρ, εἰπεῖν ὑπὲρ τούτου τοῦ νόμου ἀπολλυμένου ὃς τὰς δίκαις τὰς δικασθείσας προστάττει κυρίας εἶναι. Ἡ ἐροῦμεν πρὸς αὐτοὺς ὅτι “ Ἡ δίκαι γὰρ ἡμᾶς ἢ πόλις καὶ οὐκ ὀρθῶς τὴν δίκην ἔκρινεν;” Ταῦτα ἢ τί ἐροῦμεν;

*Mas repara nisto. Se nós estivéssemos para nos evadirmos daqui — pois é assim que cumpre chamar-lhe — e as Leis e o Estado viessem ter conosco, se colocassem na nossa frente e perguntassem: “Diz-me, Sócrates, que projectas fazer? Essa acção que tu intentas acaso é outra coisa que não seja deitar-nos a perder, a nós e a todo o Estado, na medida das tuas forças? Ou parece-te que é possível um Estado subsistir e não ser aniquilado, quando as sentenças proferidas não têm poder, antes se tornam impotentes e vãs por meio dos particulares?” Que diremos, ó Críton, a perguntas destas ou semelhantes? Muito teria que dizer qualquer pessoa, e sobretudo um orador, sobre a dissolução desta lei, que impõe como soberanas as sentenças proferidas. Ou dir-lhe-emos: “O Estado foi injusto conosco, não julgou bem o nosso caso”? Diremos acaso assim?*²⁵

Significativamente, esta passagem do diálogo platónico *Críton* (50 a-c) é conhecida por *prosopopeia das Leis*, isto é, a Lei ganha um rosto. Não obstante a limpidez de pensamento do fundador da Ética,

²⁵ Ibidem, 391-392.

esperou a morte nas condições mais injustas. A luz para tamanho desatino da democracia ateniense parece encontrar-se logo em Platão, quando, no tratado *A República* (557 c), caracteriza o regime democrático, que é

κινδυνεύει καλλίστη αὕτη τῶν πολιτείων εἶναι ὥσπερ ἰμάτιον ποικίλον πᾶσιν ἄνθεσι πεποικιλμένον, οὕτω καὶ αὕτη πᾶσιν ἤθεσιν πεποικιλμένη καλλίστη ἂν φαίνοιτο. Καὶ ἴσως μὲν, ἦν δ' ἐγώ, καὶ ταύτην, ὥσπερ οἱ παῖδες τε καὶ αἱ γυναῖκες τὰ ποικίλα θέωμενοι, καλλίστην ἂν πολλοὶ κρίνειαν.

*“ muito capaz de ser a mais bela das constituições. Tal como um manto de muitas cores, matizado com toda a espécie de tonalidades, também ela, matizada com toda a espécie de caracteres, apresentará o mais formoso aspecto. E talvez que, embevecidas pela variedade do colorido, tal como as crianças e as mulheres, muitas pessoas julguem ser esta forma de governo a mais bela.”*²⁶

Por entre esta caricatura dos excessos da democracia, não deixa o pensador de zurzir asperamente o oportunismo da pessoa democrática (558 b):

ὥς μεγαλοπρεπῶς καταπατήσας ἅπαντα αὐτὰ οὐδὲν φροντίζει ἐξ ὁποίων ἂν τις ἐπιτηδευμάτων ἐπὶ τὰ πολιτικὰ ἰὼν πράττη, ἀλλὰ τιμῆ ἐὰν φῆ μόνον εὔνου εἶναι τῷ πλήθει;

*“com que arrogância ela calca tudo aos pés, sem querer saber para nada da preparação com que se vai para a carreira política, mas só presta honras a quem proclamar simplesmente que é amigo do povo.”*²⁷

Esta atitude do homem democrático tem a sua génese numa juventude que, por hábito, foi (560 e, 561 a)

ὕβριν μὲν εὐπαιδευσίαν καλοῦντες, ἀναρχίαν δὲ ἐλευθερίαν, ἀσωτίαν δὲ μεγαλοπρέπειαν, ἀναίδειαν δὲ ἀνδρείαν. Ἄρ' οὐχ οὕτω πως, ἦν δ' ἐγώ, νέος ὢν μεταβάλλει ἐκ τοῦ ἐν ἀναγκαίῳ ἐπιθυμίαις τρεφομένον τὴν τῶν μὴ ἀναγκαίων καὶ ἀνωφελῶν ἡδονῶν ἐλευθέρωσίν τε καὶ ἄνεσιν;

“designando a insolência por boa educação, a anarquia por liberdade, a prodigalidade por generosidade, a desfaçatez por coragem. Acaso não é mais ou menos assim que um jovem educado a satisfazer os desejos

²⁶ Platão, *A República*, (Lisboa 1976) 387. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

²⁷ *Ibidem*, 388.

necessários passa à licença e à indulgência com os prazeres não necessários e inúteis?”²⁸

A sede de liberdade conduz, como se vê, à subversão do regime democrático a tal ponto que a tirania chega a ser eleita a mais bela forma de governo. Este espírito de liberdade infiltra-se nas casas particulares e atinge os próprios animais: (562 e, 563 a)

Πατέρα μὲν ἐθίζεσθαι παιδὶ ὅμοιον γίγνεσθαι καὶ φοβεῖσθαι τοὺς υἱεῖς, υἱὸν δὲ πατρί, καὶ μήτε αἰσχύνεσθαι μήτε δεδιέναι τοὺς γονέας, ἵνα δὴ ἐλεύθερος ᾗ· Μετοίκον δὲ ἀστῶ καὶ ἀστὸν μετοίκῳ ἐξισοῦσθαι, καὶ ξένον ὡσαύτως.

“É que o pai habitua-se a ser tanto como o filho e a temer os filhos, e o filho a ser tanto como o pai, e a não ter respeito nem receio dos pais, a fim de ser livre; o meteco equipara-se ao cidadão, e o cidadão ao meteco, e do mesmo modo o estrangeiro.”²⁹

E a ironia aprofunda-se ainda mais, num estado em que (563 a-b)

Διδάσκαλός τε ἐν τῷ τοιούτῳ φοιτητὰς φοβεῖται καὶ θωπεύει, φοιτηταὶ τε διδασκάλων ὀλιγορούσιν, οὕτω δὲ καὶ παιδαγωγῶν· καὶ ὅλως οἱ μὲν νέοι πρεσβυτέροις ἀπεικάζονται καὶ διαμιλλῶνται καὶ ἐν λόγος καὶ ἐν ἔργοις, οἱ δὲ γέροντες ξυγκαθιέντες τοῖς νέοις εὐτραπέλειας τε καὶ χαριεντισμοῦ ἐμπιπλάνται, μιμοῦμενοι τοὺς νέους, ἵνα δὴ μὴ δοκῶσιν ἀνδεῖς εἶναι μηδὲ δεσποτικοί.

“... o professor teme e lisonjeia os discípulos, e estes têm os mestres em pouca monta; outro tanto se passa com os preceptores. No conjunto, os jovens imitam os mais velhos, e competem com eles em palavras e em acções; ao passo que os anciãos condescendem com os novos, enchem-se de vivacidade e espírito, a imitar os jovens, a fim de não parecerem aborrecidos e autoritários.”³⁰

Ao longo desta reflexão, já mencionámos Cartago, uma colónia fundada por fenícios oriundos de Tiro. Situava-se ela numa posição estratégica, ao centro da costa norte de África, numa península que os aproximava da Sicília. Em frente, os seus habitantes eram notáveis

²⁸ Ibidem, 393.

²⁹ Ibidem, 393.

³⁰ Ibidem, 397.

mercadores, que negociavam ao longo de toda a costa mediterrânica. Chegaram mesmo a estabelecer acordos comerciais com os Romanos.

Senhora da península itálica, por volta de 270 a. C., Roma via-se cercada pela potência rival que dominava os mares. Estavam criadas as condições para um conflito bélico. A história havia de lhe atribuir a designação de Guerras Púnicas, que se estenderam ao longo de um século.

A primeira Guerra Púnica durou cerca de duas décadas (264-241 a. C.) e terminou com a vitória dos romanos nas ilhas Égatas que, assim, alcançaram a soberania da Sicília. Deste período ficou-nos o exemplo de Régulo que, após sucessivas vitórias, seria derrotado por Xantipo e feito prisioneiro. A versão de Cícero (*Dos Deveres*, III.27.100) retrata-nos um homem exemplo de coragem (*uirtus*) e de fidelidade aos juramentos (*fides*), de abnegação em prol de um bem maior, a república romana. Enviado a Roma a negociar a sua libertação em troca de uns prisioneiros nobres cartagineses

Num locupletiores quaeris auctores? Harum enim est uirtutum proprium nihil extimescere, omnia humana despiciere, nihil, quod homini accidere possit intolerandum putare. Itaque quid fecit? In senatum uenit, mandata euit, sententiam ne diceret, recusauit; quamdiu iure iurando hostium teneretur, non esse se senatorem. Atque illud etiam, ("O stultum hominem," dixerit quispiam, "et repugnantem utilitati suae!"), reddi captiuos negauit esse utile; illos enim adulescentes esse et bonos duces, se iam confectum senectute. Cuius cum ualuisset auctoritas, captiui retenti sunt, ipse Carthaginem rediit, neque eum caritas patriae retinuit nec suorum. Neque uero tum ignorabat se ad crudelissimum hostem et ad exquisita supplicia proficisci, sed ius iurandum conseruandum putabat. Itaque tum, cum uigilando necabatur, erat in meliore causa, quam si domi senex captiuus, periurus consularis remansisset.

Acaso pretendes autoridade mais fidedigna? É da essência destas virtudes nada temer, desprezar tudo o que é humano, não julgar insuportável tudo o que possa acontecer ao homem. Então que fez ele? Veio ao senado, expôs a proposta de que estava incumbido, recusou-se a dar o seu voto, pois, enquanto estivesse ligado pelo juramento aos inimigos, não era senador. Mais ainda (ó que insensato, dirá alguém, que luta contra o que lhe é útil!), negou a utilidade de entregar os cativos. Que eram jovens e bons chefes, ao passo que ele já estava alquebrado pela velhice. Como prevalecesse a sua autoridade, os prisioneiros ficaram retidos; ele mesmo voltou a Cartago, sem que o

*retivesse o amor da pátria ou dos seus. Não ignorava então que partia para junto de um inimigo cruelíssimo e para suplícios refinados, mas entendia que era seu dever manter-se fiel ao juramento. E assim, direi eu, enquanto o matavam pela privação do sono, a sua condição era melhor do que se permanecesse em casa, sendo um ancião activo e um consular perjuro.*³¹

O fim das hostilidades foi celebrado nos *Ludi Romani* de 240 a. C.; os *Ludi Scaenici* solenizaram ainda mais este acontecimento. Os romanos assistiram, assim, pela primeira vez, à representação de uma peça de teatro adaptada do grego por Lívio Andronico, um escravo vindo de Tarento, aquando da sua conquista em 272 a. C. Este autor, mestre-escola, fazia também uma tradução da *Odisseia*, que se manteve como livro escolar até ao tempo de Augusto e de que nos chegaram apenas alguns fragmentos.

O historiador romano, Tito Lívio, quando fala a propósito das origens do teatro em Roma, em *Desde a Fundação da Cidade* (VII.2.8-10), começa por explicar que os jogos cénicos foram instituídos com a necessidade de aplacar a cólera divina, uma vez que a violência da epidemia não abrandava. Isto era uma novidade para este povo belicoso, habituado só a espectáculos de circo. Aos versos Fesceninos haviam de suceder-se as *saturas* cheias de música e movimento:

Liuius post aliquot annis, qui ab saturis ausus est primus argumento fabulam serere, idem scilicet - id quod omnes tum erant - suorum carminum actor, dicitur, cum saepius reuocatus uocem obtudisset, uenita petita puerum ad canendum ante tibicinem cum statuisset, canticum egisse aliquanto magis uigente motu quia nihil uocis usus impediabat. Inde ad manum cantari histrionibus coeptum diuerbiaque tantum ipsorum uoci relictas.

Ao fim de alguns anos, Lívio, o primeiro que ousou, abandonando as saturas, entretecer uma peça com argumento, e que era também — como todos naquele tempo — actor dos seus versos, ao que se conta, pediu vénia, por as muitas chamadas do público lhe afectarem a voz, para pôr um rapaz a cantar diante do flautista; e pôde representar as partes cantadas com um pouco mais de vigor nos gestos, já que não

³¹ Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira, *Romana. Antologia de Cultura Latina* (Coimbra 2000) 65.

*estorvava o uso da voz. Foi assim que os histriões começaram a ter à mão um cantor e a voz lhe ficou só para o diálogo.*³²

Abriam-se a Roma os caminhos da Literatura. Os caminhos da arte também se abrem nesta altura, com a conquista da Sicília. Havia de ficar célebre, dois séculos mais tarde, o discurso de Cícero *Das estátuas*, que condena veementemente os roubos perpetrados por Verres naquela província.

A segunda Guerra Púnica conheceu sensivelmente a mesma duração da anterior (218-201 a. C.). Num claro desafio a Roma, Aníbal conquistou Sagunto (219), na Hispânia, e dirigiu-se à península itálica, procurando levar a guerra às portas de Roma. Contudo, inesperadamente, as vitórias de Públio Cornélio Cipião põem em perigo a segurança de Cartago. O general cartaginês, que veio em seu auxílio, havia de capitular na batalha de Zama (202 a. C.).

Cartago, não obstante os tributos pesados a que estava obrigada, prosperava com a revigorada actividade comercial e isso inquietava Roma. Por isso, a terceira Guerra Púnica foi breve (149-146 a. C.): Cornélio Cipião, após uma sangrenta carnificina, poria termo definitivo aos sonhos cartagineses, arrasando a cidade.

É este general romano, neto adoptivo daquele Públio Cornélio Cipião, o Africano Maior, que Cícero celebra no seu tratado *A República* (VI.13). Daqui cito um excerto do conhecidíssimo “Sonho de Cipião”. Cipião ouve, em sonho, a profecia do seu avô, que o exorta à defesa da república:

Sed quo sis, Africane, alacrior ad tutandam rem publicam, sic habeto, omnibus, qui patriam conseruauerint, adiuuerint, auxerint, certum esse in caelo definitum locum, ubi beati aeuo sempiterno fruuntur; nihil est enim illi principi deo, qui omnem mundum regit, quod quidem in terris fiat, acceptius quam concilia coetusque hominum iure sociati, quae ‘ciuitates’ appellantur; harum rectores et conseruatores hinc profecti huc reuertuntur.

Para que tenhas mais ardor na defesa da república, ó Africano, fica a saber que é assim: para todos aqueles que salvaram a pária, que a

³² Idem, 227.

*socorreram, que a dilataram, está guardado no céu um lugar reservado, onde os bem-aventurados gozam de uma vida eterna. É que àquele deus principal, que governa todo o mundo, nada é mais caro, de tudo quanto se passa na terra, do que aquelas sociedades ligadas pelo direito, que se chamam cidades. Os regedores e conservadores delas que daqui partiram, aqui regressam.*³³

A concluir esta nossa reflexão, vem a propósito recordar as palavras do então Presidente da Associação de Filólogos Clássicos da Alemanha até Fevereiro de 2005. Segundo ele, as realizações da antiguidade greco-romana não são de modo algum apanágio exclusivo do mundo ocidental; com efeito, a metodologia científica afirma-se como um elemento unificador que se sobrepõe às fronteiras das civilizações:

*O Islão — diz o ilustre académico alemão — acrescenta um aspecto particular à tradição europeia: do séc. IX ao XII estudavam-se os escritos de Aristóteles com mais afinco e profundidade no mundo islâmico do que no ocidente cristão. Foi em grande medida o islão helenizado quem fez redescobrir a Grécia aos Europeus durante o Renascimento. Os Muçulmanos de hoje ainda alimentam a esperança de que o renovar da consciência da herança grega comum possa constituir uma ponte para futuros reencontros entre o Islão e a civilização ocidental da Europa*³⁴.

Se já temos um pé no Oriente, com a próxima adesão da Turquia à União Europeia, falta, agora, cumprir-se África!...

³³ Idem, 42.

³⁴ Francisco de Oliveira, “A Antiguidade cria laços. Iniciativa em favor de uma cultura humanística na Europa”: *Boletim de Estudos Clássicos*, 43 (2005.1) 198: tradução portuguesa do original alemão, intitulado *Antike Verbindet. Initiative für humanistische Bildung in Europa*, criado pelo Dr. Helmut Meissner, presidente da Associação de Filólogos Clássicos da Alemanha até Fevereiro de 2005. Este texto foi apresentado na Assembleia Geral da Euroclássica, que se realizou em Dubrovnik, em Abril de 2005.

* * * * *

Resumo: O Ocidente tem sido abalado por actos terroristas que ameaçam a sua organização política, a democracia. Na Antiguidade Clássica, dois grandes acontecimentos marcaram a conquista da liberdade, garante daquele regime político: as Guerras Medo-Persas (V. a. C.) e as Guerras Púnicas (III-II a. C.).

Palavras-chave: liberdade; democracia; Guerras Púnicas; polis; Guerras Medo-Persas.

Resumen: El mundo occidental ha sido sacudido por actos terroristas que amenazan su organización política, la democracia. En la Antigüedad Clásica dos grandes acontecimientos marcaron la conquista de la libertad, garantía de aquel régimen político: las Guerras Médicas (s. V a. C.) y las Guerras Púnicas (s. III-II a. C.).

Palabras-Clave: libertad; democracia; Guerras Púnicas; polis; Guerras Médicas.

Resumé: L'occident se trouve ébranlé par des actes terroristes qui menacent son organisation politique, la démocratie. Dans l'Antiquité Classique, deux grands épisodes marquèrent la conquête de la liberté, garante de ce régime politique: les Guerres Médo-Perses (V. av. J. C.) et les Guerres Puniqes (III-II av. J. C.).

Mots-clé: liberté; démocratie; Guerres Puniqes; polis; Guerres Médo-Perses.